Corrida para criar a CPI

Terminada a novela do painel eletrônico com a renúncia do senador Antonio Carlos Magalhães (PFL-BA), a oposição terá o caminho aberto para trabalhar pela instalação da CPI da Corrupção no Senado. O líder do PT no Senado, José Eduardo Dutra (PT-SE), disse que tem 22 assinaturas garantidas e que vai chegar ao número mínimo de 27 adesões sem o apoio de senadores carlistas. "Não estamos trabalhando com a hipótese de senadores do PFL assinarem a CPI", afirmou. Ontem, o senador Lindberg Cury (PFL-DF), voltou atrás na posição de assinar o requerimento. "A minha posição pessoal é de assinar, mas tenho que consultar o partido", justificou.

Apesar de ACM se colocar como oposição, o PFL deve se manter fiel ao presidente Fernando Henrique Cardoso para garantir os cargos do partido dentro do governo.

O líder do PPS no Senado, senador Paulo Hartung (PPS-SE), disse que está aguardando a renúncia de Antonio Carlos para entregar ao líder do PT as três assinaturas dos senadores do partido. Com a adesão do PPS, o número de assinaturas passaria para 25, faltando apenas duas para a instalação da CPI.

O senador Roberto Requião (PMDB-PR) acha difícil saber se a CPI será instalada porque o Senado está vivendo "uma moral de conveniência". "Aqui tem gente que votou pela cassação de Arruda e Antonio Carlos, mas votou contra a cassação de Luiz Estevão e não assinou a CPI da Corrupção. É a moral de conveniência e quem determina essa moral é Fernando Henrique", criticou.

O líder do governo no Congresso, deputado Arthur Virgílio (PSDB-AM), não está preocupado com a possibilidade da CPI ser instalada. "Mesmo se todos os senadores assinassem o requerimento, a CPI não valeria nada porque ela é inconstitucional", afirmou. (DN)